



KEF iQ7

A KEF dispensa apresentações. Não estaremos longe da verdade se dissermos que este construtor de colunas inclui, a par com um conhecido rival inglês, a B&W, a lista dos dois maiores nomes do Reino Unido conhecidos pelo trabalho de investigação, projecto e desenvolvimento de colunas de som. A concepção dos seus modelos começa sempre pelos respectivos componentes considerados separadamente – altifalantes, caixas acústicas e filtros separadores (*crossovers*), todos com origem na casa. No entanto, os modelos que vêm a luz do dia constituem, naturalmente, fruto de uma concepção que privilegia as suas prestações como um todo, com características e «personalidades» próprias. Não são, por isso, resultado de uma mera reunião de

componentes sem a necessária unidade que os torna únicos.

Entre os modelos mais lendários da KEF, salientam-se as célebres Reference 105, nas suas diferentes gerações (conheci pelo menos duas) e as Reference 107 que, apesar da sua controversa personalidade, se apresentavam como uma das Referências na reprodução das baixas frequências. Actualmente a gama Reference inclui as 207/2, as 205/2 e as 203/2.

Entre as gamas propostas presentemente, a Série Q representa o estado actual da evolução da conhecida série e é considerada pelo construtor como uma abordagem mais acessível das tecnologias de que a marca reclama a

liderança, comparativamente à gama Reference, no topo do seu catálogo.

As iQ7 são o segundo modelo da Série imediatamente abaixo das iQ9.

Tecnologia Q

A tecnologia Q incide em três vertentes, a saber: as caixas, as unidades de agudos / médias frequências e os *woofers*, altifalantes de baixas frequências.

As caixas apresentam-se completamente encurvadas no painel posterior, formando uma secção que grosseiramente podemos chamar triangular, em que dois dos lados (os posteriores) são formados por um único painel curvado na zona do ângulo. A intenção deste tipo de desenho é minimizar a distorção, através da eli-

minação das ondas estacionárias que habitualmente se formam dentro das caixas.

O altifalante Uni-Q faz coincidir os centros acústico e visual das unidades de agudos e de médias frequências, sendo a montagem de um efectuada no centro do outro, para permitir uma melhor coerência e integração de unidades e o consequente benefício em termos da prestação sonora que daí resulta.

A unidade de baixas frequências, em cone de papelão, é equipada com uma suspensão de borracha de altura maior que o habitual, para permitir um curso superior, e o natural incremento dos baixos, tal como a capacidade de lidar com potências de valor mais elevado.

iQ7 – Descrição

As iQ7 são, repito, o segundo modelo da Série Q e o modelo do meio entre os que se destinam a ser apoiados directamente no chão. Para o efeito, as iQ7 são fornecidas com espigões metálicos *spikes*, destinados a desacoplar a caixa dos efeitos perniciosos que o contacto directo com o chão causa.

Numa caixa de 86,5 cm de altura, são assim um projecto de três vias, com unidades de 165 mm (o *woofer* e o *midrange*) e de 19 mm (o *tweeter*). Para além disso, as iQ7 apresentam um pórtico *bass-reflex* frontal, que pode ser anulado através da aplicação de dois tampões circulares fornecidos um com cada uma das colunas.

Por trás, as iQ7 apresentam terminais que possibilitam a bicablagem, sendo fornecidas com condutores suficientes para «*shuntar*» os terminais no caso de não se fazer recurso da possibilidade de ligar dois cabos entre cada uma das colunas e o amplificador.

Audição

Tive oportunidade de ouvir as KEF ligadas aos meus Krell, mas também aos NuForce Reference 9, através da cablagem (simples) Wire World Gold Eclipse. Como seria natural, apliquei os espigões metálicos que acompanham as colunas, fixando-os através



das roscas incrustadas na base inferior das caixas.

Colocadas na minha sala de audição, não me pareceu que estas KEF fossem muito críticas na questão do posicionamento. Os resultados que obtive e que aqui descrevo resultaram de um posicionamento conseguido à primeira tentativa.

A evolução dos equipamentos de áudio, como, aliás, de toda a tecnologia em geral, tem sido nos últimos tempos, no mínimo, vertiginosa. Não admira, por isso, que a minha reac-

ção ao ouvir as iQ7 fosse de surpresa pela prestação acima daquilo que esperava pelo preço que custam. Mas começemos pelo princípio.

Todos os construtores, seja de que tipo de equipamento for, reclamam tecnologias inovadoras na concepção dos seus produtos. Para o consumidor, é o resultado final que conta, ou seja, em que medida é o consumidor, o audiófilo ou melómano neste caso, beneficiado pela tecnologia que o construtor proclama? No caso das KEF iQ7 a resposta encontra-se nas linhas seguintes.

TESTE KEF iQ7



Posso dizer que no geral as iQ7 se caracterizam pela capacidade de fazer prender o melômano ao que é realmente importante – a música. Possuidoras de uma sonoridade que faz lembrar o som de colunas monitoras conceituadas, muito pela precisão tímbrica resultante de um agudo de excelente qualidade pelo preço em causa. Não que o som destas KEF seja frontal, como o da maioria das monitoras – neste aspecto a sua apresentação é até um pouco recuada, tendendo a projectar os intervenientes na cena musical para trás do plano das colunas.

Se, por um lado, as iQ7 apresentam um recuo de imagem sonora que me agrada bastante (nem toda a gente concordará comigo, mas é assim que eu gosto), a profundidade de palco é, em meu entender, notável para uma coluna deste preço. Nada tem a ver uma coisa com a outra; pode ter-se um som recuado e bidimensional, o que não é o caso; pode ter-se um som com um palco sonoro avançado

mas ainda assim suficientemente profundo para deixar boquiaberto quem com ele se delicia. Também não é o caso, já que esta será uma característica de equipamentos de outros campeonatos, com preços que não têm nada a ver com os das KEF em teste.

As iQ7 apresentam o som de forma recuada, em parte devido a alguma retracção da sua gama média. Não me interpretem mal, estas KEF têm tudo menos um som velado ou sensorão.

O curioso é que, pelo menos na minha sala, depois da aplicação dos tampões de espuma nos pórticos *reflex*, passou a haver maior domínio das baixas frequências que, sem perderem extensão, passaram a comportar-se de forma mais civilizada, ganhando leveza, precisão, articulação e, sobretudo, integração. Como é natural, isto manifestou-se de imediato na apresentação geral, desaparecendo a disparidade entre médios e baixos – toda a música passou a fluir

de forma mais coerente, como uma unidade sonora. Desapareceu por conseguinte o efeito psicológico de recuo das médias frequências: continuando recuadas, passaram a ser integradas num todo agora coerente.

Por outro lado, os aspectos rítmicos e de vivacidade, de carácter alegre na forma como o sinal musical é colocado no exterior da coluna, acrescentam momentos de prazer auditivo surpreendentes, se tivermos em conta o preço que custam as iQ7. O seu som é limpo (mais uma vez como o das monitoras), sem qualquer traço de gordura associada, e isso traduz-se, naturalmente, num comportamento ágil e cheio de vivacidade. Conjugando estas características com aspectos de musicalidade evidentes, penso que estão reunidas as condições para uma receita explosiva em termos de prestação sonora, ainda por cima por um preço perfeitamente acessível.

Teria muito para falar em pormenor sobre as capacidades que estas KEF possuem para nos retribuir justamente o investimento na sua compra. Para aqueles que pedem que lhes aponte um defeito, digo que a este nível de preços não é fácil fazê-lo.



Como adepto dos painéis e habituado ao som de um par de «portas», as minhas velhinhas Apogee Dueta MKII, posso dizer, sem querer entrar em comparações entre campeonatos diferentes, que não deixei de ouvir sempre nas KEF o som típico da esmagadora maioria das colunas de caixa – fechado, dando a sensação de a música sair de dentro de uma gruta. Por comparação, o som dos painéis parece sair de um espaço ao ar livre, sem nada que o impeça de fluir livremente. Mas isto – e agora refiro-me a todas as «caixas» e também às iQ7 – não é defeito, é feito. E feito que pode temperar-se, porque este efeito de «gruta» melhorou, embora não tivesse desaparecido por completo, quando fiz a troca da minha amplificação Krell pelos Nu Force Reference 9.

Dentro da sua personalidade sonora, as iQ7 cumprem com uma prestação digna de ser assinalada. Para os apre-

ciadores deste tipo de som, em que eu me incluo, a audição deste modelo é obrigatória antes de se decidirem por qualquer compra. Por este preço, não tenho dúvidas em afirmar, são uma proposta irresistível e que merece ser aplaudida de pé por quem gosta de ouvir música em condições sonoras dignas sem arruinar as suas economias.

Para finalizar, que mais posso dizer destas KEF sem me repetir? Que as iQ7 podem não ser um tomba-gigan-

tes mas, pela sua prestação, afirmam-se como portadoras da missão de fazer a vida negra à concorrência a níveis que podem ir bem acima do seu preço. Os momentos de prazer que proporcionam, pela forma como apresentam a música, valem bem o preço que custam.

Preço (par): 849,00 €

Representante: Videoacústica

Tel.: 21 424 17 70

Especificações

Sistema	3 vias e <i>bass-reflex</i>
Unidades	Woofer – cone de papelão (165 mm) Midrange – cone de polímero, revestido a titânio (165 mm) Tweeter – cúpula de alumínio (19 mm)
Resposta em frequência	40 Hz – 40 KHz
Frequências de <i>crossover</i>	250 Hz e 2,8 KHz
Sensibilidade	90 dB
Impedância	8 Ohm
Dimensões (A x L x C)	865 x 220 x 327 mm
Peso	14,5 kg

Color your life...

AMO*i*

Colunas FOCAL-JMLAB... Série PROFILE
Leitor de DVD, amplificador 5.1, DAB... ARCAM SOLO MOVIE 5.1 DAB
 topaudio@netcabo.pt

TOP **AVC**
 Av. Santa Joana 17 Aveiro
 Telf: 234 377 183